

Renato Mezan

Cada época, uma tarefa histórica

Realização Ana Claudia Patitucci, Bela M. Sister, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Hotimsky e Tatiana Inglez-Mazzarella

Para este número de comemoração dos 35 anos, entrevistamos Renato Mezan, psicanalista e coordenador editorial da Revista *Percurso*. Em função de seu trabalho na Revista, de forma cautelosa não aceitou os convites anteriores da seção de entrevistas. Felizmente, neste número de aniversário, Renato concordou em conversar conosco. Não é tarefa fácil apresentá-lo, pois qualquer forma de fazê-lo será apenas um breve resumo de anos de trabalho de muita potência. Renato Mezan é doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo, psicanalista membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde foi professor e supervisor no Curso de Psicanálise por muitos anos, professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mas acima de tudo, alguém muito erudito, excelente contador de histórias e com um fino senso de humor.

Sua produção é extensa, tanto na publicação de livros, coletâneas e artigos em revistas nacionais e internacionais quanto em palestras, congressos e colóquios. Seus textos se tornaram referência no campo psicanalítico e contribuem para discussão de várias temáticas, tais como: Freud e sua obra; história da psicanálise; clínica psicanalítica; formação do psicanalista; questões teóricas e epistemológicas; pesquisa em psicanálise; psicanálise na universidade; psicanálise extramuros – fenômenos sociais; religião; literatura; cinema; teatro; fotografia. Mas não bastasse sua extensa produção em psicanálise, há também artigos sobre temas não-psicanalíticos. Dentre seus livros podemos destacar alguns como Freud: A Trama dos Conceitos (1982; 16. ed., *Perspectiva*, 2018); Freud, Pensador da Cultura (1985; 8. ed., *Blucher*, 2019); Psicanálise,

Judaísmo: Ressonâncias (1987; 2. ed., *Imago*, 2005); Figuras da Teoria Psicanalítica (1996; 2. ed. ampliada, *Casa do Psicólogo*, 2010); Escrever a Clínica (1998; 2. ed., *Blucher*, 2023, no prelo); O Tronco e os Ramos: Estudos de História da Psicanálise (2014; 2. ed., *Blucher*, 2019); Lacan, Stein et le narcissisme primaire: aux origines de la psychanalyse contemporaine (Paris, *Éditions d'Ithaque*, 2020) entre tantos outros.

Gostaria ainda de destacar sua generosidade como orientador ao longo de tantos anos de carreira universitária. Tive a sorte de ser uma de seus 161 orientandos na concepção e na escrita de dissertações e teses. Assim pude testemunhar o que é trabalhar ao lado de um orientador capaz de acompanhar e apostar em um projeto a partir do desejo do pós-graduando, respeitando sua construção e sua criatividade. Renato Mezan, ao longo de sua trajetória, deixa marcas na formação de inúmeros analistas e pesquisadores que se tornam mais atentos para a complexidade e para a delicadeza da metapsicologia e da clínica psicanalíticas.

Esta entrevista ocorreu numa manhã de sábado, após várias realizadas de maneira remota em função da pandemia. Tivemos o prazer de partilhar algumas horas de conversa ao vivo, o que deu ainda maior destaque ao seu humor e inteligência. As temáticas foram abrangentes. Renato nos contou sobre sua trajetória e formação: a história de sua família que se mistura à história da diáspora dos judeus. Falou também acerca dos inícios da psicanálise no Brasil e da criação do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, assim como da

PERCURSO Como foi sua formação intelectual e sua graduação na Filosofia da USP durante o período da ditadura, nos chamados anos de chumbo?

RENATO MEZAN Quando eu estava no fim do então curso colegial, queria fazer algo ligado às Ciências Humanas. Na época, o que apareceu foi



no cursinho Tolosa, encontrei um professor de Filosofia que fazia apostilas sensacionais

Revista Percurso. Pudemos ouvi-lo contar como a Revista foi sendo gerada e ganhou corpo, assim como novas ideias e seções foram sendo concebidas e colocadas em prática a partir da experiência ao longo de todos estes 35 anos. Não deixou de abordar sua carreira universitária desde os tempos da graduação, pós-graduação e formação analítica no Brasil e na França. E no final da entrevista, pôde falar de questões atuais em torno da psicanálise.

A entrevista em si, já foi, para nós, parte da celebração deste número especial da Percurso. Retomar a história do nascimento e do desenvolvimento da Revista de maneira viva e entusiasmada, foi, sem dúvida, uma forma de reiterar a importância de anos de trabalho de inúmeras pessoas para sua produção a cada número, e o desejo de seguir investindo na manutenção de um canal de trocas entre psicanalistas, apostando sempre na potência da circulação da palavra e das experiências clínicas. O leitor terá acesso aos principais pontos abordados e esperamos conseguir transmitir um tanto da riqueza que foi esta conversa. Boa leitura!

Tatiana Inglez-Mazzarella

o Direito; entrei no cursinho Tolosa, que ficava na Ladeira da Memória, e me preparava para o vestibular com aulas de Português, Latim, História e Filosofia. Lá encontrei um professor de Filosofia que fazia umas apostilas sensacionais. Fiz então dois vestibulares, para Direito e Filosofia, e passei. De manhã, ia para a São Francisco,



comecei a ler
Freud esperando
o ônibus, e não parei
até hoje

que naquele momento era o centro do CCC, o Comando de Caça aos Comunistas, um antro da extrema direita. À tarde, ia para a USP estudar no Departamento de Filosofia. A Cidade Universitária estava começando a ser construída; só havia alguns prédios e os barracões feitos às pressas para abrigar os cursos da extinta Rua Maria Antônia, na área onde hoje é o Instituto de Psicologia. Ali predominava uma visão de esquerda. Eu vivia num arco que ia do CCC à Libelu. As aulas começaram em março de 1969, e três semanas depois de iniciadas, caiu na nossa cabeça o decreto dos militares cassando os professores-chave nos vários departamentos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, uma claríssima tentativa de tornar inviável e acarretar o seu fechamento.

Assim começou o caos: aulas irregulares, pessoas desaparecendo, policiais na sala, medo de tudo - qualquer um podia ser um informante do DOPS. Esse primeiro ano foi passando aos trambolhões, e quando terminou resolvi não ficar perdendo meu tempo. Tranquei a matrícula e fui passar um ano em Israel, estudando e participando de atividades pela Congregação Israelita Paulista (CIP). Foi uma experiência muito bacana. Voltei e comecei a frequentar as aulas da Marilena Chauí, que até então estava na França. Foi aí que realmente me apaixonei pela Filosofia. Já tinha tido um excelente professor, mas a Marilena foi determinante. Segui estudando, e acabei saindo da faculdade de Direito, que não tinha nada a ver comigo. Concluí o bacharelado em 1973, e no ano seguinte a licenciatura. Enquanto isso, comecei a dar aula de História Judaica no Colégio I. L. Peretz.

Com o término da graduação, eu queria fazer um mestrado sobre filosofia política e ideologia.

Fui conversar com a Marilena, que me perguntou o que eu queria estudar, e o que já havia lido sobre esses temas. Me pediu para abrir o caderno e ditou uma lista de bibliografia a ser lida. Escrevi um livro em cada linha, virei a página, e continuei escrevendo - eram mais de cinquenta títulos... E aí ela falou: "Agora dê uma olhada nisso. Daqui a dois, três meses, volte aqui, e continuamos conversando a partir do que você tiver lido". Fui disciplinadamente à biblioteca da faculdade, falei com a Zuleica, que era nossa bibliotecária. O primeiro livro da lista era o *Curso de Filosofia Positiva*, de Auguste Comte, mas estava emprestado. O segundo era de Sigmund Freud, as *Conferências de Introdução à Psicanálise*, mas só tinha em inglês. Resolvi tentar; comecei a ler esperando o ônibus, e não parei até hoje, cinquenta anos depois. Foi uma revelação.

PERCURSO O que tanto lhe chamou a atenção naquela leitura?

RENATO Em primeiro lugar, aquele livro falava de mim da primeira à última página. É a principal razão, ou uma das, pela qual continuamos estudando Psicanálise, não é? Atos falhos, sonhos, interessantíssimo... Comecei a sonhar intensamente. Acabou o primeiro volume, e fui para o segundo: a neurose. "Olha só, eu sou isso aqui! esse sintoma"; "isso aqui é meu pai", e por aí foi. E tinha também a forma com era escrito, uma obra-prima de clareza e inteligência. Fiz um rascunhão resumindo minhas leituras, voltei à biblioteca, e peguei outros livros. Dois meses depois, voltei a falar com a Marilena e disse o quanto havia gostado de ler Freud. Perguntei se podia fazer uma tese de mestrado sobre ele. Ela respondeu: "E por que não? Me dê uma boa razão para não fazer".

Naquela época, o mestrado no Departamento de Filosofia era um estudo sobre a obra integral de um autor. A minha geração tinha dividido o território da Filosofia, e cada um pegou a sua parte do latifúndio. A Scarlett Marton estava estudando Nietzsche; a Olgária Matos, a Escola de Frankfurt; o Renato Janine, Hobbes; o Ricardo Terra era o Kant, e ninguém tinha



em fins de 1977,
René Major estava
começando o *Confrontation*

ainda se apossado de Freud. Acabei me candidando a uma bolsa de estudos que o consulado francês concedia todos os anos a um aluno indicado pelo Departamento de Filosofia para fazer uma pós-graduação lá. Como todo mundo lia e entendia francês, não havia problema de língua. Também fizemos uma escala; no meu ano me apresentei sozinho, e obviamente fui indicado. Fui para Paris, me inscrevi no doutorado, mas resolvi redigi-lo em português e apresentá-lo no Brasil. Meu orientador formal era um professor de Filosofia da Matemática chamado Jean Desanti. Anualmente, nos meses de agosto e setembro vinha um professor francês dar um curso no Departamento. Nos meus anos de graduação, assisti aos de Foucault, Michel Serres, Castoriadis, e no ano logo antes da minha vez de viajar veio o Desanti. Ele fez os papéis me aceitando pró-forma como orientando, assinou o que precisava, mas quem orientava mesmo era a Marilena. Eu escrevia os capítulos, tirava xerox – uma novidade na época – e mandava para ela. Algumas semanas depois chegava a resposta dela, sempre com muitos comentários. Fiquei três anos e meio nesse processo de trabalho, até final de 1980.

PERCURSO Você fez análise nesse período?

RENATO Fiz, com Claude Le Guen. Foi minha primeira experiência no divã. Eu me perguntava como seria fazer análise, fazer uma formação, e queria também continuar com a Filosofia. Quem me ajudou muito nisso foi Conrad Stein, cujo livro *L'enfant imaginaire* a Marilena tinha me emprestado, dizendo que eu aproveitaria o livro mais do que ela. Comecei a ler o texto, todo anotado a lápis por ela, que discutia com Stein nas margens das páginas. Resolvi falar com ele, na expectativa de receber ajuda e descobrir por onde devia começar para me aproximar do ambiente psicanalítico francês. Fui ao correio, abri a lista telefônica, procurei em “Stein, Conrad”, tinha um número. Liguei, e ele atendeu. Expliquei que estava vindo do Brasil, e que tinha sido recomendado pela professora Marilena Chauí. Ele me recebeu no mesmo dia, folheou minha tese de

mestrado, e se dispôs a me dar algumas cartas de recomendação para eu procurar lugares onde havia formação aberta.

Naquele momento - fins de 1977 - estava começando o *Confrontation*, um lugar inventado por René Major para os analistas poderem falar do que quisessem sem ser policiados pelas patrulhas das respectivas associações. Era necessário pagar uma mensalidade. Fui conversar com o René Major, marquei por telefone - você ligava, as pessoas atendiam! - e ele me dispensou do pagamento, que tomaria um percentual significativo da minha bolsa. Havia grande boa vontade com estudantes que eles considerassem promissores, e pude fazer vários cursos. As reuniões eram realizadas na *Maison de la Chimie*. Frequentei, por exemplo, um seminário da Maria Torok e do Nicolas Abraham, que depois deu no livro *A casca e o núcleo*. Era muito interessante acompanhar as pesquisas sendo feitas. Assisti também, durante três anos, ao seminário de Stein no Instituto de Psicanálise da rue Saint-Jacques.

PERCURSO Quando você foi para a França, já estava pensando no projeto do *Freud, Pensador da Cultura*, ou ele se desenvolveu lá?

RENATO O projeto nasceu aqui. No mestrado, eu tinha estudado mais a parte “hard” da obra de Freud: os casos, os conceitos, a metapsicologia etc. Mas não havia espaço, e acho que eu nem teria condições, para discutir os textos culturais. Disse à Marilena que estava pensando em continuar a pesquisa com esses trabalhos, e ela concordou. Todo mês eu recebia minha bolsa, separava duzentos francos, ia à FNAC, e aos poucos fui formando uma biblioteca.



*em resumo, das coisas
elementares da clínica eu
simplesmente não sabia nada*

PERCURSO Você chegou a ter atividade clínica em alguma instituição?

RENATO Fui acompanhando esses seminários e aulas e fiquei próximo do Stein, que me havia indicado o Le Guen. Às vezes ele me chamava para almoçar, contar o que estava acontecendo, e fomos criando uma relação próxima. A certa altura ele me perguntou: “Renatô, qual é a sua familiaridade com a clínica?”. Eu respondi: “nenhuma”. “Então você vai fazer um estágio num hospital psiquiátrico”. Escreveu uma carta de recomendação para o pessoal do *Treizième Arrondissement*, uma instituição pública análoga ao que hoje são os CAPS aqui. Na época, se chamava psiquiatria de setor, e havia uma unidade para cada *arrondissement* (bairro) de Paris. O pessoal da Sociedade Psicanalítica trabalhava no setor do 13º, daí o nome. O ambulatório era na Place d’Italie, e o hospital psiquiátrico ficava num subúrbio, perto do aeroporto de Orly. Peguei a carta e fui falar com a diretora do hospital, que me aceitou para um estágio. Passei a ir duas vezes por semana. Isso foi em 1979, e quando alguém me perguntava o que estava fazendo ali, eu dizia “*je suis stagiaire*”. E assim fiquei amigo dos enfermeiros, ia à biblioteca, conversava com as pessoas.

Depois de um certo tempo me incentivaram a assistir a algumas reuniões clínicas e a acompanhar certos atendimentos. Vi várias vezes uma senhora portuguesa absolutamente desolada, porque estava tentando ensinar seu gato a falar. O pessoal do prédio (ela morava sozinha) chamou a assistência psicológica e ela foi internada. Estava desconsolada: “mas veja lá o senhor, pois ele já estava quase a conseguir falar, e aí puseram-me aqui,

pobre gato!”. Vi pela primeira vez uma pessoa drogada em abstinência, era uma coisa terrível. Havia também alguns tratamentos com eletrochoque, mas dentro de situações recomendadas. Numa delas, me coube segurar a perna do paciente para evitar que se machucasse com as contorções provocadas pelo choque. Ao menos neste caso, vi que o tratamento funcionou - ele estava gravemente deprimido, e melhorou.

PERCURSO Como foi essa aproximação com a clínica? Você que estava na teoria, na filosofia...

RENATO Lembro que fiz um seminário em que devia falar sobre o narcisismo. Reli *A Introdução ao Narcisismo* e falei para uma psicanalista que me dava carona, chamada Catherine Breton: “Catherine, preciso te fazer uma pergunta. Eu reli o artigo de Freud, acho que sei explicar o que é narcisismo, mas como reconheço que uma ideia, um comportamento, é narcísico ou não?”. Ela falou sobre as questões da autoimagem, da euforia, me deu alguns exemplos em que se reconhecia a presença do funcionamento narcísico, e acabei me saindo bem no seminário.

PERCURSO Mas foi uma boa pergunta, não?

RENATO Sim: compreendo a teoria, mas *o que é narcísico na vida prática?* E isso valia para outras questões. Em resumo, das coisas elementares da clínica eu simplesmente não sabia nada. E ainda não tinha quilometragem de análise para me aventurar a dizer “olha, este é um bom exemplo do complexo de Édipo”. Quando comecei a análise, por cinco ou seis sessões falei sem parar sobre meus pais, o que vocês podem imaginar em um começo de análise. Silêncio total. Le Guen era muito bem-humorado, de vez em quando fazia uma piadinha, mas era muito silencioso. Ele chegava, me apertava a mão cerimoniosamente, eu deitava no divã e falava até que ele dissesse “*Bien*”. Esse era o sinal de que a sessão tinha acabado. Eu levantava, dizia “*au revoir*” e saía. Três vezes por semana, por dois anos e meio.

PERCURSO Cinquenta minutos?

RENATO Quarenta e cinco minutos, o tempo regulamentar de uma sessão na França. Depois daquelas cinco ou seis primeiras sessões, um belo dia quase caí do divã: escutei a voz dele dizendo: “*Tout cela veut dire que vous ne voulez pas être comme votre père. Bien!*”. “Tudo isso quer dizer que você não quer ser como seu pai. *Bien!*”. Acabou a sessão. E lá fui eu pensar no que ele queria dizer. Aconteciam situações engraçadas, porque eu tinha familiaridade com o francês erudito, da filosofia, mas não conhecia muitas palavras corriqueiras. Uma vez, tive um sonho em que aparecia um preservativo. E aí fui contar o sonho... “*Bah, un préservatif?!*”. E ele: “Mas você tem trinta anos, e não sabe o que é uma *capote anglaise?*”. “Não. O que é?”. Ele explicou: “uma camisinha”. E eu: “no Brasil, isso se chama *‘petite chemise de Vénus’*”. Ou seja, eu sabia o que era a coisa, mas não conhecia o termo francês. Demos muita risada. São situações curiosas, em que a língua tropeça, mas acho que era uma questão de ignorância, não de lapsos significativos.

Quando terminei de escrever o doutorado, apareceu uma oportunidade para dar um curso em Yale, convidado por Hillel Levine - um amigo que já conhecia de São Paulo, e na França nos aproximamos bastante. Ele era da área da sociologia, dava aula em Yale sobre o que chamava de *Sociology of Evil* (sociologia do mal), que tinha a ver com violência, racismo, preconceitos e temas afins. Por meio deste vínculo com Yale, pôde me indicar para um posto de *Visiting Lecturer*, professor visitante, por um semestre. A proposta era falar sobre as concepções sociais e políticas de Freud, justamente o assunto sobre o qual eu acabava de escrever. A psicanálise nos Estados Unidos ainda não era tão malvista como é hoje. Propus estudar os textos freudianos clássicos sobre a teoria da cultura, o Édipo, a psicopatologia. Fiquei em New Haven de janeiro a junho de 1981, e então voltei para o Brasil. Lá descobri o que era uma universidade das “top ten”. Já tinham o que futuramente seria o computador: chamava-se *word processor*, uma geringonça do tamanho de uma máquina de lavar louça. A biblioteca começava a



*um amigo americano
me indicou para ser
visiting lecturer em Yale,
e eu fui*

ser informatizada, havia alguns museus incríveis etc. O roteiro do curso era o Freud, Pensador da Cultura. Eram uns 20 alunos, muito bons. Eu sugeria leituras volumosas de uma semana para outra, como Totem e Tabu, e eles liam!

PERCURSO Eles eram da sociologia?

RENATO Não, era uma espécie de curso básico, no nível do *college*, que no sistema americano cobre os primeiros dois anos de faculdade. Depois os alunos escolhem uma *major*, que é a área principal em que concentrarão seus estudos, e algumas *minors*. Ou seja, cada um pode montar o próprio currículo, e estudar literatura, biologia, fotografia, sânscrito, o que quiser.

PERCURSO Você foi para Israel, participou de eventos juvenis, deu aula em escola judaica, escreveu sobre psicanálise e judaísmo. Qual a importância do judaísmo na sua formação?

RENATO Quando era mais jovem, no final da adolescência e primeiros anos de idade adulta, cogitei me dedicar aos estudos judaicos. Minha família era muito pouco observante, nunca teve grandes preocupações com a religião. Acabei indo para a CIB, que já existia desde a década de 1930, porque minha mãe achava que eu precisava ter um ambiente estimulante. Eu gostava de ler, de estudar, e alguém sugeriu que eu podia frequentar os escoteiros. Entrei lá no começo dos anos 1960, já estavam na segunda ou terceira geração de participantes. As reuniões eram aos sábados; fazíamos acampamentos, assistíamos a palestras, havia jogos de todo tipo etc. Fui descobrindo muita coisa interessante nessa tradição judaica...que eu ignorava completamente. Fiz Bar Mitzvah e tive as aulas



Lacan foi o primeiro a levantar esse tema da relação de Freud com o judaísmo

necessárias. Quando resolvi passar um ano em Israel, decidi aprender hebraico: se queria passar um ano no país, tinha que falar a língua! Segui um trajeto parecido com a minha formação em psicanálise, um pouco rapsódica, ao sabor das ondas... Fazia o que ia aparecendo. Em Israel, fiz o curso de um ano no Instituto de Formação de Líderes para o Estrangeiro. Tinha aula de hebraico, literatura, história judaica, geografia, sociologia, mas também de canções e danças israelenses, jogos, primeiros socorros etc. E comecei a me interessar pelo judaísmo tradicional, não tanto para segui-lo, mas porque descobri que as suas normas tinham sido formuladas de modo muito engenhoso. Não sou religioso nem praticante, porém sempre achei incrível o vínculo dos judeus com o estudo, com os livros, com a formação da identidade, e como haviam sobrevivido a séculos de dispersão e de perseguição muitas vezes feroz.

À medida que fui estudando a biografia e o contexto histórico de Freud, vi que eu mesmo tinha muitas coisas em comum com esse pessoal que vivia na diáspora, os judeus secularizados, interessados pela cultura européia, mas também passando por conflitos pessoais de vários tipos, políticos e de identidade. No tópico judaísmo de Freud a pista veio de Lacan, que apesar dos seus defeitos era aberto a tudo que fosse novidade. Foi ele o primeiro a levantar esse tema da relação de Freud com o judaísmo, que depois virou quase um ramo de estudos por si só.

Nos anos 1950, foram saindo documentos sobre a vida de Freud que hoje todos os psicanalistas conhecem, mas que na época foram verdadeiras bombas. Primeiro, foi a correspondência com Fliess, em que aparecem a questão do judaísmo,

o antissemitismo, e vários temas ligados a esses. Depois, veio a biografia escrita por Ernest Jones. Lacan, que acompanhava tudo o que se passava do outro lado do Canal da Mancha, percebeu que nesses livros havia material para formular, e tentar responder, uma questão que poderia se revelar essencial sobre o equipamento intelectual e emocional do fundador da Psicanálise: qual seria a influência, se é que havia alguma, dessas questões judaicas tanto na formação cultural de Freud quanto como fonte das suas concepções psicanalíticas?

PERCURSO E você concordaria com Freud que só um judeu agnóstico poderia ter inventado a Psicanálise?

RENATO Não, de modo algum. Essa célebre afirmativa me chamou muito a atenção, e aconteceu que, tendo estudado bastante história judaica na época em que dava aulas no Peretz, e também no departamento de hebraico da USP (por uns dois anos, fui assistente do Jacó Guinsburg), eu estava razoavelmente preparado para abordar essa temática. As razões que Freud dava para a sua opinião não me convenciam: uma delas era, como escreveu um dia a Karl Abraham, “porque nos falta o elemento místico, que tolda a outros o uso livre da sua razão”. Ora, basta andar pelas ruas de Higienópolis para ver como essa idéia é absurda. E Freud sabia disso muito bem, pois seu pai era ligado ao hassidismo, que é uma importante corrente mística na cultura judaica da Europa Oriental, e continua influente até hoje. Lembram da história do chapéu de pele jogado à lama, na *Interpretação dos Sonhos*? Era o mesmo que os *hassidim* paulistas usam no sábado, para ir à sinagoga. Por outro lado, ele também fala no aspecto sentimental, e era justamente o que me interessava: o que havia ali de cimento emocional, o fator de coesão comunitária que permitiu às gerações judaicas sobreviver a todas as atrocidades que se cometeram contra elas ao longo dos séculos.

PERCURSO Quando você diz “sobreviver às atrocidades”, está incluindo o não ter se convertido?



*o tema Freud e o judaísmo
era para mim – vejo
hoje – uma espécie
de cena primitiva cultural*

RENATO Exatamente. E muitos dos descendentes daqueles que na Espanha foram forçados a se converter ao cristianismo acabaram saindo do país, e retornaram ao judaísmo. Na Holanda, foi o caso da família de Espinosa, assim como de tantos outros. Então comecei a estudar esse assunto, a partir de um interesse pessoal em entender também de onde eu mesmo provenho. Uma versão cultural da cena primitiva, se vocês quiserem: por que meu pai e minha mãe, que vinham de famílias não praticantes, não ortodoxas, quando quiseram me colocar nos escoteiros me levaram para a CIP, da qual não eram sócios? Por que meu pai, quando chegou da Europa e quis se casar, procurou uma moça na comunidade judaica? O que escrevi sobre isso está em parte no *Freud, Pensador da Cultura*, com o que tinha de literatura na época, em parte no *Psicanálise e Judaísmo: Ressonâncias* e em alguns textos incluídos nas diversas coletâneas que fui publicando.

PERCURSO De onde são seus pais?

RENATO Meu pai e minha mãe eram judeus sefarditas, isto é, de origem ibérica. Ele nasceu na Bulgária, e ela no Rio de Janeiro, filha de pessoas que nasceram ainda no Império Otomano, meu avô em Salônica, minha avó em Esmirna. Quando aí por 1917-1918 o Império Otomano começou a desmoronar, e surgiram as atuais Turquia, Grécia, Armênia, Líbano, Síria, os protetorados ingleses no Oriente Médio (inclusive o que depois se tornaria Israel), a situação política ficou muito turbulenta. Muita gente saiu de lá, e foi procurar lugares mais pacíficos para viver, sobretudo na América Latina. Meus avós maternos se instalaram no Rio e aqui viveram. Já a família Mezan vivia na Bulgária, que foi muito tempo governada pelos turcos, e se tornou uma monarquia independente na década de 1870. Com a revolução comunista na Rússia, da qual a Bulgária era muito próxima, meu avô decidiu que era melhor ir morar num lugar menos vulnerável, e se mudou para a Itália. Meu pai cresceu lá, dos quatro ou cinco anos até se formar como engenheiro na Politécnica de Milão.

Em 1938, acabou acontecendo a aproximação entre Mussolini e a Alemanha nazista. E uma das exigências de Hitler para ajudar a Itália em suas questões militares (estava-se em plena guerra da Abissínia) era que começasse a perseguição aos judeus. Mussolini editou um decreto pelo qual os “israelitas estrangeiros” tinham seis meses para sair da Itália, o que afetava diretamente a família do meu pai. Ele havia considerado se naturalizar italiano, mas no momento em que completou 18 anos (1935) começou a guerra da Abissínia. Em idade militar, ele seria imediatamente convocado para lutar na África, o que não tinha a mínima vontade de fazer. Como continuou a ser cidadão búlgaro, estava sujeito à regra de expulsão. Aí resolveu movimentar seus pauzinhos, e foi conversar com um filho de Mussolini, de quem tinha sido colega na escola. Mussolini júnior falou com Papà Mussolini, e uns dias depois o Correio trouxe uma carta oficial na qual se lia: “o *Duce* concede ao Sr. Maurizio Mezan aquilo que lhe foi solicitado”. Era um salvo conduto para qualquer coisa, sem dizer o que era. Foi assim que meu pai conseguiu terminar a faculdade, e, depois, apesar de ser um estrangeiro indesejável, fazer estágio numa grande companhia do seu ramo, que era a engenharia química. Até que um dia alguém descobriu que aquele rapaz não deveria estar lá, e deu a ele três semanas para sair do país. Don Maurizio passou a guerra na Espanha trabalhando como engenheiro, e acabou vindo para São Paulo, onde já vivia uma irmã dele.

PERCURSO Seus avós paternos ficaram?

RENATO Sim, o que foi muito trágico, porque quando a Itália foi invadida pelos nazistas minha



*minha avó paterna,
Renata Mezan, foi deportada
e morreu em Auschwitz*

avó foi presa e deportada. Morreu em Auschwitz. Era uma coisa muito complicada na família. Meu pai faleceu em 1994, sem saber o que tinha acontecido com a sua mãe. Minha irmã, que é historiadora, um dia encontrou alguém que contou a ela sobre um livro saído na Itália que se chama *Il libro della memoria*, onde consta a história dos 8.518 judeus italianos que foram deportados. E está lá o nome da minha avó Renata Mezan, o dia em que foi presa, qual o transporte em que saiu de Milão...

PERCURSO Seus avós já não eram praticantes?

RENATO Não, nos dois lados. Já havia uma tradição de não seguir à risca os costumes tradicionais. Meu avô paterno já era bem secularizado, não muito observante. Meu pai contava que eles faziam uma leitura das palavras *Kashér* e *Tarêf*, relativas à alimentação. Tudo que é religiosamente legal é *kashér*, e como no hebraico escrito não se grafam as vogais, o que aparece são as letras “K Sh R”, que eles liam como uma sigla: k de *caro*, sh de *shavdo*, e r de *ratonado*: caro, insosso e roído pelos ratos. Já o termo *Tarêf* (impuro, impróprio para ser consumido) se escreve “T R F”, que podia ser lido como outra sigla: t de *tutto*, r de *roba*, f de *fina*, tudo coisa fina.

Do lado materno, minha avó e meu avô frequentaram uma escola da *Alliance Israélite Universelle*, fundada pelos Rothschild e outros banqueiros franceses para divulgar entre os judeus do Império Otomano a cultura francesa. Essa organização tinha um colégio em cada cidade importante do império: Alexandria, Cairo, Damasco, Beirute, Aleppo, Istambul etc. Minha avó nasceu em 1895. Antes da Primeira Guerra Mundial, ela frequentava uma escola como o Liceu

Pasteur, onde o estudo era em francês, para abrir as portas da cultura europeia, e metade da biblioteca na casa dela era em francês. Em Salônica, o pai da minha mãe foi a uma escola igual, e, como era menino, além do francês aprendia inglês, porque era a língua do comércio mundial. Eram pessoas que tinham uma certa cultura ocidental. Ela contava que a comunidade judaica na qual cresceu falava ladino (espanhol) em casa, grego com o pessoal de serviço (cozinheira, cabeleireira, costureira...), e turco com a população local, por exemplo, para comprar uma passagem de bonde, ou temperos numa loja de alimentos.

PERCURSO Onde era isso?

RENATO Em Esmirna, hoje pertencente à Turquia. Era um ambiente multicultural, e bastante tolerante. A raiva dos turcos era com os armênios, que eles massacraram em 1915, como vocês sabem, mas não tinham nada contra os judeus, que viviam ali muito bem. Alguns acabaram ficando por lá, outros se espalharam pelo mundo. O Brasil das primeiras décadas do século xx, quando meus avós maternos aportaram no Rio, lembrava bastante a região da qual tinham vindo: a língua era parecida, o clima parecido, as comidas parecidas. Eles se integraram bem. Minha avó estava convencida de que falava português, mas falava assim: “*Renato, fíchame la ventana!*” Ou então, quando as crianças derramavam suco na mesa: “*Ah, Dió, Dió, el pano limpio!*”. Curiosamente, algumas tradições sobreviviam. Às sextas feiras quando ia escurecendo, ela parava de costurar. Não tinha nada contra acender a luz, fazer comida aos sábados, como os judeus ortodoxos, mas costurar? De jeito nenhum: “*ya no se puede. Es Shabat!*” Era uma lei religiosa que ela respeitava, ponto final.

PERCURSO Sua formação como psicanalista se deu tanto através da universidade, com todos os trabalhos que você foi desenvolvendo no doutorado, mestrado, mas também dentro dessas outras instituições que você começou a frequentar na França?

RENATO Sim. Foi o que me trouxe para o Sedes.

PERCURSO Como é que foi a sua aproximação com o Sedes?

RENATO Foi através da Regina, de quem me aproximei por causa da Miriam, que encontrava nas aulas da Marilena Chauí. Miriam fazia simultaneamente psicologia e filosofia. Um belo dia, ao lado dela estava uma senhora que me apresentou como sua mãe, Regina Schnaiderman. A Marilena a conhecia, e gostava dela. Ficamos conversando, e a Regina me convidou para ir à sua casa, como fazia com todo mundo. Eu estava começando a estudar Freud, e passei a frequentar o apartamento dela. A Regina, o Boris Schnaiderman, todo esse pessoal vinha do Bom Retiro. Parte dessa comunidade era de judeus de esquerda, que valorizavam muito os ideais socialistas, de corte soviético ou não. O fato é que, nos anos 1940, havia por lá uma garotada muito inteligente. Pessoas que ou tinham nascido no exterior e vieram para cá pequenos, caso do Boris ou do Jacó Guinsburg, ou então tinham nascido aqui, e procuravam se instruir.

Aí apareceu um personagem que se chama Anatol Rosenfeld, um doutor em filosofia que tinha vindo da Alemanha para o Brasil nos anos 1930. Começou vendendo gravatas, e depois de um tempo passou a formar grupos de estudo, aprendeu a escrever em português e, entre outras coisas, fundou o suplemento literário do Estadão. Nunca quis ser professor da USP. Era um erudito da gema: escreveu sobre teatro, traduziu inúmeras peças. Era a época do TBC aqui em São Paulo, havia toda uma efervescência cultural. E reuniu à sua volta um grupo de jovens ávidos de saber - Jacó Guinsburg, Gita Guinsburg, a própria Regina, o Isaiás Melsohn, e vários outros. Estudaram estética, Marx, Brecht, literatura etc. O resultado foi que fizeram carreiras brilhantes nas respectivas especialidades. Eram a primeira geração filha de imigrantes a ir para a universidade, assim como depois fizeram os libaneses, os japoneses, e mais tarde os coreanos. Formaram-se em medicina, engenharia, direito... Era a comunidade estrangeira mais representada na USP.

O Jacó acabou fundando a editora Perspectiva, que publicava o que havia de mais importante



*uma vez por semana,
assustadíssimo com
as besteiras que achava que
estava fazendo no consultório,
eu ia ver a Regina*

e inovador nas ciências humanas de então, digamos assim. A Regina fazia parte dessa história. Quando eu estava na França, ela e outros formaram o que seria depois o curso de psicanálise, com a Madre Cristina. Isso foi no final da década de 1970. Nós nos correspondíamos, e um dia recebo uma carta dela contando sobre isso, e dizendo: se você se interessar, venha falar comigo. Quando voltei, naturalmente liguei para ela. Comecei a frequentar os seminários da Regina como ouvinte. Naquela época, ela dava aula nos quatro anos do curso: aula expositiva em um, seminário em outro e supervisão nos dois restantes.

PERCURSO A supervisão era em grupo?

RENATO Exatamente, como é até hoje. Eu fiquei lá alguns anos, continuando a minha formação. Depois de um certo momento, ela me chamou de lado: “vou te mandar um paciente”, e de fato mandou. “Agora você vai fazer supervisão particular comigo”. Eu ia vê-la uma vez por semana, assustadíssimo com as besteiras que achava que estava fazendo no consultório. Com a supervisão, fui ganhando um pouco mais de segurança, ficando um pouco menos intimidado com as incertezas da prática clínica. Depois de alguns anos, estava já na hora de mudar de supervisor, mas aí ela ficou doente. E pensei com meus botões: não vou sair da supervisão com uma pessoa que está doente! E acabei ficando até quando ela não pôde mais fazer atendimentos.

PERCURSO Quando você começou a dar aulas no Sedes?

RENATO No final de 1981, substituindo a Lucía Fuks, que saiu de licença-maternidade para dar à luz o Julián.



*devo confessar que
é motivo de satisfação para mim
ter aberto portas para muita gente,
assim como fui ajudado
quando era jovem*

PERCURSO Foi rápido...

RENATO Sim, porque não tinha gente com essa formação. Há aqui um fator que me parece ser de sorte ou de coincidência: estar no lugar certo na hora certa, em condições de aproveitar o cavalo encilhado que estava passando, como se diz no interior do Brasil para falar de uma oportunidade que não deve ser perdida. E devo confessar que é motivo de satisfação para mim ter aberto portas para muita gente, assim como fui ajudado quando era jovem. Acho que a tocha tem que ser passada adiante! Neste caso do Sedes, aconteceu isso: a Lucía tinha de se ausentar para ter o bebê, e a Regina me chamou: “você pode dar as poucas aulas que faltam para acabar o ano na classe dela. Não vai falar de clínica, porque não tem experiência para isso, mas pode falar da sua tese, de epistemologia da Psicanálise”. E foi por essa porta que eu passei a fazer parte do grupo de professores do curso.

Lembro do dia em que fui dar a primeira aula. Não sabia quem era a Lucía. Chegando à sala, vi uma senhora com barriga de nove meses sentada na primeira fila. Adivinhem quem era? Com aquele jeito discreto dela, foi assistir à aula para ver o que aquele rapaz ia falar para os alunos. Parece que aprovou, porque não voltou na semana seguinte, e ninguém veio me dizer para parar com as aulas.... Então, durante alguns anos, dei cursos de epistemologia da psicanálise como um instrumento a mais na formação dos alunos.

Na mesma época – outubro de 1981 – a Suely Rolnik me avisou que a PUC/SP estava precisando de professores com doutorado para a pós-graduação em Psicologia Clínica. De novo o cavalo: havia

três ou quatro pessoas em São Paulo que poderiam preencher esta vaga, e eu era uma delas. Fui conversar com a Lúcia Bonilha, que era a coordenadora do Programa, e, no primeiro semestre de 1982, comecei a lecionar nesta pós graduação, na qual estou até hoje, quarenta e um anos depois. Dei aula no Sedes até o começo dos anos 1990, quando passei a ser titular na PUC, e não dava para manter os dois cargos – também estava coordenando a Percurso, e já havia um bom número de ex-alunos que poderiam ser professores no Curso. Eram a segunda geração de formados ali: a primeira incluía pessoas como a Janete Frochtengarten e a Miriam Chnaiderman, e nesta segunda estavam Décio Gurfinkel, Flávio Ferraz, e outros.

O curso começava a dar “filhotes”: além dos de Psicossomática e de Análise de Crianças, surgiram os do Departamento propriamente dito, como os de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea, e o Conflito e Sintoma. Na PUC, segui a carreira, primeiro como professor doutor, depois fiz concurso para adjunto, em seguida para titular, que é o grau mais alto na nossa universidade. Também, desde meados da década de 1980, estava orientando teses e dissertações. Minha primeira orientanda foi a Miriam Debieux, com quem brinco que ela foi a minha moedinha do tio Patinhas, a orientanda número 1, que depois trouxe muitos outros. Nesse momento em que conversamos, a próxima pessoa a defender tese será a número 161. Cento e sessenta teses orientadas! Parece uma barbaridade, mas se pensar que estou lá faz quarenta anos, são quatro ou cinco por ano, nada tão extraordinário. É o que acontece com colegas como Alfredo Naffah, Suely Rolnik, Luis Claudio Figueiredo, e outros dos mais antigos.

PERCURSO Como você vê a especificidade do estudo da psicanálise na universidade e nos institutos de formação?

RENATO Acho que os dois têm muitos pontos em comum e algumas diferenças. Primeiro, vamos distinguir entre o estudo da Psicanálise na graduação em Psicologia e o estudo dela na



a diferença do curso
de Psicanálise em relação a outros
era a ênfase no estudo de Freud

pós-graduação. É este que pode ser comparado com o que se faz nas instituições de formação psicanalítica. Na época que estamos evocando, as universidades (no plural, porque já eram várias) recebiam muitos analistas já veteranos, que vinham em busca de um lugar parecido com aquele que René Major tinha conseguido criar na França com o *Confrontation*. Ou seja, um espaço em que se pudesse estudar o que fosse de interesse, um ambiente não tão política e ideologicamente carregado como eram as instituições psicanalíticas naquele momento. Isso mudou muito dos anos 1980 para cá: hoje as universidades estão muito diferentes por causa da burocratização excessiva. O Nelson Coelho, que foi nosso aluno em meados da década de oitenta, escreveu sobre como era o Curso naquele momento, enfatizando a grande diferença em relação a outros do mesmo gênero: que era a ênfase no estudo constante e detalhado da obra de Freud.

PERCURSO E como surgiu a ideia de fazer uma revista?

RENATO Esse era um projeto da Regina, que tinha uma visão do que poderia ser o Sedes: não só uma instituição profissionalizante e ideologicamente progressista, aberta a diferentes visões – o que combinava com a proposta da Madre Cristina – mas também como um lugar de pesquisa e produção de conhecimento. Eu brincava que ela seguia o exemplo do famoso recruta Cohen, do Exército prussiano no tempo de Bismarck: para desespero do sargento que comandava o seu grupo, o Cohen não tinha a mínima ideia de como devia ser um soldado alemão. Até que um dia o sargento perde a paciência: “sabe de uma coisa, Herr Cohen? Compre um canhão, e se estabeleça por conta própria!”. Acho que a Regina resolveu comprar um canhão e se estabelecer por conta própria: “já que não me querem na associação de psicanalistas, vou criar minha própria associação”. Seguindo, aliás, o precedente de Freud, que fez exatamente a mesma coisa. Então coincidiram várias circunstâncias: os projetos da Madre Cristina, a chegada dos colegas argentinos,

o ambiente da ditadura, a própria capacidade de organização, aglutinação e de inspiração da Regina etc. Isso foi em meados dos anos 1970. Os argentinos chegaram aqui depois do golpe de 1976. Eu defendi a tese de mestrado em setembro de 1977; logo em seguida viajei para Paris, porque as aulas começavam em outubro, e fiquei fora do Brasil um pouco menos de quatro anos. Enquanto isso, aqui estavam acontecendo esses fatos todos, que descrevi num artigo de 1997, que hoje está na coletânea *Interfaces da psicanálise*, “Figura e fundo: notas sobre a psicanálise no Brasil”. A ideia era fazer um número da *Percurso* sobre o que havia ocorrido na Psicanálise desde a fundação do Sedes, vinte anos antes. A concepção da Madre Cristina era de uma instituição guarda-chuva, que formasse psicólogos comprometidos social e politicamente, que ‘deselitizasse’, por assim dizer, o atendimento psicológico. Esse projeto já vinha de antes, do trabalho que ela fazia nas alas mais progressistas de Igreja. Era uma pessoa muito influente nesse meio, e a certa altura pôs em prática o que pretendia saindo da PUC/SP e da então Faculdade São Bento para fundar o Sedes.

PERCURSO Voltando para o Departamento de Psicanálise e para a *Percurso*...

RENATO Então, nesse contexto do final da década de 1970, começou o que viria ser o curso de psicanálise. As primeiras turmas tinham como alunos Janete Frochtengarten, Miriam Chnaiderman, Marilene Carone, Marilsa Taffarel etc. – um grupo muito bom. Terminado o curso, várias dessas pessoas foram chamadas para dar aula, o curso foi caminhando, e floresceu na primeira metade de 1980, junto com a abertura política.



Regina morreu em janeiro de 1985, sem ver concretizado seu projeto de criar uma revista de Psicanálise

PERCURSO O Roberto Azevedo participou da criação desse curso?

RENATO Sim. Vários membros da Sociedade de Psicanálise de São Paulo – que era extremamente fechada naquele tempo, bastante conservadora – resolveram apostar no projeto da Madre Cristina. Eram Roberto Azevedo, Isaías Melsohn, Fábio Hermann, Luiz Meyer, e outros cujo nome não lembro agora.

PERCURSO Deodato Azambuja, Deocleciano Alves, Orestes Forlenza... foram poucos analistas da Sociedade que estiveram nos primórdios do curso.

RENATO Esses eu não cheguei a encontrar. Enfim, um grupo de pessoas da IPA um pouco mais abertas. Mais tarde, a Regina chamou um pessoal lazaniano, o Luiz Carlos Nogueira; a Joana, esposa dele; o Alejandro Viviani. O grupo de professores com o qual entrei era constituído por esse pessoal. A pressão da Sociedade de São Paulo para que saíssem era grande, e alguns preferiram não continuar. Outros foram ficando e só o deixaram mais adiante. Por exemplo o Luís Carlos Menezes, um amigo meu da França, que foi “anfíbio” até o fim dos anos oitenta. Depois se dedicou mais à Sociedade, foi diretor do *Jornal de Psicanálise*, da *Revista Brasileira de Psicanálise*, e por dois mandatos presidente da Sociedade. Em suma, era um grupo bastante variado, e sobretudo, aberto ao diálogo.

O projeto da Regina incluía a constituição de um Departamento de Psicanálise nos moldes do que então era uma novidade na organização das universidades – os Departamentos substituindo o regime de cátedras. Esse era bem

mais hierarquizado, com um único professor “catedrático”, os seus assistentes, os assistentes dos assistentes etc. Numa das reformas do ensino superior, que foi polêmica, os milicos acabaram com as cátedras. Era uma maneira de tirar da USP os professores líderes, a fina flor da intelectualidade uspiana: na Filosofia: Bento Prado Júnior e José Arthur Giannotti; nas Ciências Sociais: Fernando Henrique Cardoso, Rui Fausto, e assim por diante. Uma boa parte deste pessoal acabou se reunindo para fundar o CEBRAP, que passou a ser financiado pela Rockefeller Foundation. Os americanos, gente muito prática e realista, queriam saber o que estava de fato acontecendo no Brasil, e que era muito diferente da “narrativa” dos milicos. Financiaram pesquisas de verdade, e uma revista que existe até hoje, os Cadernos CEBRAP. Depois, vários deles encontraram postos em outras universidades, como a PUC/SP, a Unicamp e a UNIFESP.

PERCURSO Em que momento e como nasceu a ideia de uma publicação do Departamento até chegar à *Percurso*?

RENATO Isso que ficou dito acima descreve o caldo de cultura que deu origem à revista, que era outro projeto da Regina. Ela morreu em janeiro de 1985, sem vê-lo realizado... As pessoas que participaram desse projeto foram a Janete Frochtengarten, a Silvia Alonso, a Miriam Chnaiderman, a Renata Cromberg, a Kitty Haasz e eu mesmo. Também contamos com o apoio do José Paulo Kupfer, um jornalista experiente, porque não tínhamos a mínima ideia de como fazer uma revista. O grupo era muito pequeno, com pessoas de formação, origem e trajetória específicas, mas que tinham alguns objetivos comuns. E assim fizemos o primeiro número da *Percurso*.

Por associação, lembrei agora de uma história engraçada. Conseguimos juntar alguns artigos, cada um escreveu alguma coisa, e a revista tinha vários anúncios. A ideia era que fosse financiada com publicidade de empresas. A Madre Cristina ficou brava porque entre eles havia o anúncio de um banco: “Vocês estão cedendo aos capitalistas!”



*minha impressão, na época,
é de que se tratava de uma guerra
de todos contra todos.
Cada um dizia que a sua versão
era a “verdadeira” psicanálise!*

Aí perguntamos: “A senhora financia a revista?”. “Não, não temos recursos para isso...” E assim continuamos com os anúncios por alguns números, até tudo virar de cabeça para baixo com o Plano Collor, em 1990. Uma outra história ocorreu, se não me engano, com o marido da Zulmira Montiel, o Wilson, que tinha formação em atividades gráficas. No dia em que a revista ia ser impressa, alguém da comissão editorial recebe um telefonema. “Doutora, me fala uma coisa, a receita de cozinha vai onde?” “Como assim, a receita de cozinha?” “Porque tem aqui uma receita de bolo manuscrita...” Tínhamos revisado todos os artigos, mas sem perceber que junto com o material estava a tal receita. Ainda bem que alguém percebeu! Foi o primeiro dos erros que aconteceram desde então, e por sorte muitos deles puderam ser evitados.

PERCURSO Depois de todos esses anos como professor e como editor da revista *Percurso*, o que você tem observado em relação à produção de textos psicanalíticos e ao lugar ocupado pela escrita para os analistas?

RENATO A ideia da Regina foi fundamental. Ela estava coberta de razão! Vejo isso pelos prefácios que fui escrevendo para as minhas coletâneas, que entre outras coisas explicavam por que aquele livro estava saindo naquele momento. Na Apresentação da primeira delas, *A vingança da esfinge*, está retratado um pouco do clima daquele momento. Hoje, temos várias entidades psicanalíticas convivendo pacificamente, mas a minha impressão, na época, é de que se tratava de uma guerra de todos contra todos. Cada um dizia que a sua versão era a “verdadeira” psicanálise! Então, naquele momento, foi muito importante que uma revista se pautasse pelo diálogo, pela discussão sem preconceitos. Isso está no editorial do primeiro número, que foi redigido por todos do grupo dentro do espírito da Regina. Nesse primeiro número, publicamos inclusive um artigo dela, que não escrevia muito.

Ninguém escrevia muito naquela época. Muitos psicanalistas brasileiros eram ainda da

primeira geração: Lígia Amaral, Virgínia Bicudo, Roberto Azevedo, Isaías Melsohn, e outros. Um número razoável de profissionais, que se formou nos anos 50 em Londres ou na Argentina. Quando voltavam, começavam a trabalhar. Um ou outro era mais interessado pela escrita, mas sem regularidade: não existia o *hábito* de escrever. Quem chamou a atenção para isso foi Sérvulo Figueira, do Rio de Janeiro, um dos primeiros que começou a escrever, inclusive sobre a situação da psicanálise no Brasil. No fim da década de 1950, início da de 1960, em termos de psicanálise tínhamos poucas cabeças originais no Brasil: o Isaías Melsohn, o Fábio Herrmann... Os demais eram bons analistas, sem dúvida, mas não tinham ideias originais. Trabalhavam à moda inglesa, kleiniana. Não existia por aqui sombra da psicologia do ego, dos freudianos franceses... Lacan, nem pensar! Nada disso passava perto das Sociedades de Psicanálise de São Paulo, Rio, Porto Alegre ou Belo Horizonte. Isso se alterou em meados da década de 1980, quando a abertura política tornou possível que um grupo de pessoas voltasse para o Brasil, (até porque haviam terminado de fazer aquilo que pretendiam ao viajar para o Exterior): Jurandir Freire Costa, Fernando Rocha, Menezes e outros, entre os quais eu mesmo. Cada um de nós trazia consigo sua experiência, suas referências – quase todas francesas – seus contatos, e começaram a convidar seus professores para virem dar cursos, conferências e supervisões por aqui... Foi assim que entre 1987/1988 e o final dos anos noventa nos visitaram Conrad Stein, Jean Laplanche, Radmila Zygouris, Monique Schneider, Joyce McDougall, e vários outros. A visita que deixou mais marcas foi a de Pierre Fédida,



nossa revista teve um papel de destaque neste movimento de escrita e de divulgação que se esboçava, e que aos poucos foi ganhando maior expressão

que ficou em São Paulo durante um mês dando um seminário na recém-inaugurada Livraria Escuta (do Manoel Berlinck e da sua esposa Cristina Magalhães).

PERCURSO A Piera Aulagnier veio?

RENATO Sim, claro. Eu participei dos seminários dela. Lembro que na época estava com um problema complicado no consultório; fui conversar com ela, e disse que gostaria de fazer uma supervisão com ela. Ela concordou, e decidi marcar: “Quando pode ser?” “Adesso (agora)!”. Entramos no carro, fomos até meu consultório, e, enquanto eu atendia a pessoa cujo caso queria supervisionar, – por coincidência, o paciente vinha naquele horário – ela ficou folheando uma revista na sala de espera! Foi uma supervisão super legal, me ajudou muito.

Indo adiante: desde aqueles anos, o panorama analítico no Brasil mudou completamente. Em que sentido? Posso compartilhar aqui uma convicção: cada época tem a sua tarefa histórica, em psicanálise ou em qualquer outra área. Dos anos 80 em diante, algumas pessoas acabaram tendo papel significativo na psicanálise brasileira, como Joel Birman, Jurandir Freire Costa, Luís Alfredo Garcia-Roza, Luiz Meyer, o próprio Fábio Herrmann – aliás, diversas delas entrevistadas por vocês. Eu mesmo faço parte dessa geração. Todos tínhamos tido alguma experiência fora do Brasil, estávamos acostumados a ver analistas escrevendo. Os franceses, lacanianos ou não, escreviam bastante, e vários ingleses também usavam a caneta para apresentar problemas e ideias novas. Aqui, antes dos anos 80 não havia nada disso: se contava nos dedos o número de artigos realmente

interessantes publicados no Brasil. Quando alguém escrevia, quase sempre era para confirmar como eram ótimas as ideias kleinianas.

Aos poucos, contudo, começa a haver um certo volume de livros, que as pessoas passam a comprar. As revistas da IPA começam a ter um padrão melhor. Lembrei há pouco que o Menezes foi diretor do *Jornal de Psicanálise* e da *Revista Brasileira de Psicanálise*. E fez escola: as gestões seguintes – Sandra Schaffa, Bernardo Tanis, Marina Massi, Berta Azevedo – deram continuidade ao que ele tinha começado. Vários desses editores vinham do Sedes, usaram a experiência da **PERCURSO** e foram criando boas publicações. A nossa revista teve um papel de destaque neste movimento de escrita e de divulgação que se esboçava, e que aos poucos foi ganhando maior expressão.

Na Escuta, o primeiro livro a ser publicado foi o *Psicanálise e judaísmo: ressonâncias*, que foi financiado pelo Sr. Leon Feffer, fundador da empresa de papel e celulose Suzano, onde meu pai trabalhava. A Escuta precisava de apoio; ele forneceu o papel para fazer o livro, e depois continuou doando para a **Percurso**. Todo semestre eu ia conversar com ele, que era uma figura fantástica. Ele perguntava com aquele sotaque inconfundível: “De *kwantos* quilos de papel você precisa?”, “Er... ah... bem não sei dizer.” “*Kwantos* exemplares tem revista?”. Eram mil e quinhentos, bem acima do que conseguíamos escoar. Ele não discutia: “*Kwantas* páginas tem este número?”, e ia fazendo contas. Por fim, decidia: “Vocês precisam quinhentos quilos de papel. Onde Kombi deve entregar?”. Todos tínhamos muita boa vontade, mas na verdade ainda éramos amadores no quesito publicações.

Em março de 1990, quando preparávamos o número 4, fomos surpreendidos pelo plano Collo. O país veio abaixo. Os anúncios secaram, e a revista corria um risco muito claro de acabar. As pessoas foram saindo, cada uma tinha que sobreviver de alguma forma, e ficamos em três: a Kitty Haasz, a Miriam Chnaiderman e eu. Resolvemos que alguém seria o coordenador daquele



a publicação foi crescendo e se firmando, as funções foram se especializando entre as diferentes seções, cada qual desenvolvendo seus próprios sistemas de trabalho

número, no seguinte seria outra pessoa. Como tinha um pouco mais de tempo disponível que elas, fui escolhido para a função, e o número 4 acabou saindo. Depois seria a vez da Miriam ou da Kitty, mas nenhuma das duas podia assumir o encargo. “Você continua, coordena mais uma edição...”. E assim foi com o número 5-6, o 7, o 8... e até hoje estou aqui. Com a existência da revista, começou a haver solicitação e oportunidade para que as pessoas do Departamento escrevessem, e começaram a chegar textos.

PERCURSO Esse era um dos objetivos da revista, não?

RENATO Sim. Minha impressão é que conseguimos realizá-lo amplamente. Com o tempo, foram chegando pessoas novas; surgiu uma comissão editorial, depois o grupo de entrevistas, o de resenhas, o dos debates, a parte de captação de assinantes (capitaneada por muitos anos pela Zulmira Montiel, a quem devemos muito). A revista foi se diversificando, sempre contando com uma equipe da melhor qualidade. Este fato é para mim fonte de uma grande satisfação, e faço questão de reafirmar nessa nossa conversa. O sistema de preparo dos artigos é único no campo das revistas científicas, porque funciona com reuniões para discussão dos artigos, das resenhas, e do que compõe as demais seções abertas ao longo dos anos. No início não havia um padrão de escrita. Nunca quisemos ser ortopédicos, com tudo homogeneizado, isto é: insosso e inodoro. Mas é preciso ter certos critérios de qualidade, de consistência, um bom padrão literário, e em outros aspectos também. Parece que fizemos alguma coisa certa, pois estamos em atividade há trinta e cinco anos. Hoje devemos ser uma equipe com 20 ou 25 integrantes.

PERCURSO O que especialmente te alegra na Percorso?

RENATO A qualidade das pessoas! Quando vi que ia ficar mais tempo como coordenador da revista, numa das vezes que fui à França pedi para conversar com o Claude Le Guen, que durante

algum tempo foi editor da Revista Francesa de Psicanálise. Ele foi me explicando como funcionavam, e no final, perguntei: “Se você tivesse uma só coisa para me dizer, o que seria?”. Ele foi direto: “*ne mettez pas de bâtons dans les roues*”, “não coloque bastões nas rodas da carruagem”, ou seja: não atrapalhe, deixe as pessoas fazerem o que querem fazer. Tome cuidado com quem vier colaborar, para não serem pessoas difíceis, paranoicas, com egos excessivamente dilatados... E me deu outros conselhos, que me ajudaram muito nessa nova tarefa.

Como contei há pouco, no início éramos quatro ou cinco pessoas, e fazíamos de tudo um pouco. À medida que a publicação ia crescendo e se firmando, as funções foram se especializando entre as diferentes seções, cada qual desenvolvendo seus próprios sistemas de trabalho, e passamos a ter, enquanto foi possível, reuniões frequentes. Com a pandemia isso mudou, mas já estávamos bem institucionalizados. E o que me deixa mais contente é o prazer de produzirmos uma revista extremamente bem-feita, que ganhou prestígio, que as pessoas gostam de ler. A Percorso é bonita, foi acompanhando a evolução dos padrões gráficos, e, a partir de um certo momento fizemos também o Índice Temático.

Fomos das primeiras publicações a entrar no mundo eletrônico, graças à Lia Pitliuk, que era super antenada a essas questões, e nos carregou para uma reunião com o UOL, que tinha acabado de abrir. Durante muito tempo nosso site foi abrigado na UOL, no item Publicações de Saúde. Também publicamos livros com material nosso: o *Psicanálise Entrevista*, organizado pela Mara Selaipe e pela Andréa de Carvalho, e os em



para o psicanalista,
a escrita serve para
elaborar e para dialogar

breve três volumes dos *Debates Clínicos*, preparados por Sergio Telles, Beatriz Mendes Coroa e Paula Peron. Agora estamos com um projeto novo, o da indexação da revista em bases de dados abertas, que aumentará em muito a nossa visibilidade, e permitirá cumprir nossa missão de divulgar boa psicanálise de modo ainda mais eficaz.

PERCURSO Pensando no lugar da escrita do psicanalista, no seu livro *Escrever a Clínica* (fruto de cursos na pós-graduação da PUC-SP) você fala da importância desse lugar na formação do analista, na transmissão de uma experiência, no “pensar junto” necessários para sua renovação. Nesse sentido, poderíamos considerar a escrita como o “quarto pé” na formação e no exercício psicanalíticos?

RENATO Bem, eu não chegaria a tanto. Não diria que é o quarto pé, mas sim que é um momento que nós, analistas, usamos para elaborar o que acontece em nosso trabalho, nos processos em que estamos envolvidos, seja na clínica *stricto sensu* ou na clínica ampliada. Elaborar, de um lado, e dialogar, por outro: você publica um artigo e alguém lê. Os debates sobre cada número da revista, por exemplo, foram instituídos com a ideia de fazer uma reflexão sobre o que nele foi publicado. Essa foi outra coisa que copiei do que via na França: Conrad Stein fazia isso na *Études Freudiennes*, só que de uma maneira mais formal. Tentamos diversas fórmulas até chegar à atual, e os debates continuam sendo realizados, sempre super interessantes.

A revista tem material que é produzido por nós, como as entrevistas, e material escrito por convite, como os debates clínicos. Quanto às

resenhas, procuramos acompanhar o ritmo das publicações, bem intenso em nosso ramo nos dias que correm. O mesmo acontece com os artigos. Pessoalmente, escrevi pouco sobre coisas clínicas, em parte porque me interessava mais por temas para cuja abordagem minha formação em Filosofia me ajudava, em parte porque me sentia pouco à vontade para falar dos meus pacientes. Mas percebo que, de modo geral, penso melhor usando a caneta. E muitas vezes acabo escrevendo para atender a um convite, como se tornou comum à medida que foi se consolidando uma comunidade psicanalítica no país. Na época em que comecei, eram raras as ocasiões como as que temos hoje em matéria de colóquios, simpósios, *lives*, e por aí vai.

PERCURSO Você acha importante afirmar uma psicanálise brasileira? Como você vê esse debate?

RENATO Não sei se posso responder a essa pergunta. O que vejo é que hoje em dia existe uma psicanálise em português, e em volume significativo. Isso se deve principalmente à pós-graduação, onde há décadas se produzem teses excelentes, que acabam sendo publicadas em forma de livro. Surgiu, por exemplo, a coleção de cem obras de psicopatologia dirigida por Flávio Ferraz. E várias outras iniciativas surgiram. O movimento agora é de tal ordem que não conseguimos mais acompanhar tudo. Criou-se a sensação de que viramos gente grande, por assim dizer. Aquilo que escrevemos e pensamos tem, sem dúvida, qualidade internacional. Alguns anos atrás, o Departamento entrou para a FLAPPSIP (Federação Latinoamericana de Associações de Psicoterapia Psicanalítica e Psicanálise), o que também amplia o espectro de trocas. Até ajudamos um pouco na reorganização da *Intercambio Psicoanalítico*, a revista da FLAPPSIP. No congresso no qual o Departamento foi acolhido como membro, houve uma mesa redonda sobre publicações. Algumas pessoas da *Percurso* participaram contando o que fazíamos. Mas, voltando à pergunta, não me parece que haja um “traço distintivo” da psicanálise que se faz – e, portanto, da que se escreve – no Brasil. Talvez se possa dizer que em outros países



a Psicanálise tenha adquirido certos traços característicos em função da história da disciplina em cada um deles: na França, marcada pela figura de Lacan, na Inglaterra, pela de Melanie Klein, e até certo ponto na Argentina, com a herança do movimento da *salud mental* dos anos setenta.

PERCURSO Em seu artigo de 1997 – “Figura e fundo: notas sobre a psicanálise no Brasil” –, você é muito generoso com a produção intelectual, com as editoras, e termina o artigo falando de uma psicanálise que merece ser elogiada. Passaram-se 26 anos. Quais são os desafios que temos hoje?

RENATO Vejo isso com um critério objetivo. Periodicamente fazemos a classificação das matérias publicadas em cada número da *Percurso* para o Índice Temático. É um termômetro, limitado como qualquer medida desse tipo, mas que nos permite ver que nestes 35 anos algumas coisas se conservam: sempre existem questões clínicas e discussão de novos conceitos. Alguns temas envelhecem, como psicanálise e filosofia: cada vez menos se escreve sobre isso. Houve um momento em que se escrevia mais, tanto que foi necessário criar rubricas específicas, como “Foucault”. Hoje é raro que apareça um novo texto para esses verbetes. Por outro lado, o item “Psicanálise e Fenômenos Sociais” ficou tão volumoso que de uns anos para cá o subdividimos. Mantivemos esse tópico, mas criamos um novo, “Psicanálise e Violência”. O que temos publicado na revista é revelador do que as pessoas estão pensando dentro e fora do Sedes. É o caso atualmente de temas como racismo, inclusão social, questões de gênero, as novas sexualidades e outros que estão no centro dos debates atuais. Traduzimos textos de autores como Thamy Ayouch, houve uma entrevista com a Patrícia Porchat, outra – muito boa – com o pessoal do Instituto AMMA, do movimento negro, publicamos trabalhos apresentados em eventos aqui no Sedes que depois saíram também em formato livro.

PERCURSO O que você pensa da discussão sobre a decolonização da psicanálise?

*minha hipótese é que
certas partes do psiquismo
são mais permeáveis à influência
cultural do que outras*

RENATO Acho que é politicamente importante, mas é preciso cuidado para não cairmos num militantismo ingênuo. Como não é algo que tenho acompanhado de perto, não poderia dizer muito mais do que isso. Quando preparávamos o número sobre os 50 anos do golpe de 1964 houve uma série de reuniões sobre como organizá-lo. A questão era como evitar que a publicação tivesse um tom de militância em vez de um de reflexão. A mim parecia que havia esse risco. No final, o número acabou saindo bastante bom, com depoimentos, boas análises, materiais valiosos para o nosso objetivo. A pergunta que orientava o número era: o que ficou dessa experiência na “psique coletiva dos brasileiros”? Quais as marcas, talvez indelévels, deixadas por ela? Não deixa de ser um assunto de relevo ainda hoje, com tanta violência sendo proferida e atuada por meio da internet.

PERCURSO Falando nisso, como você pensa a questão da universalidade do funcionamento psíquico? Em que medida a cultura em que o sujeito está inserido determina uma outra metapsicologia?

RENATO Já pensei bastante sobre isso, e minha hipótese é de que certas partes do psiquismo são mais permeáveis à influência cultural do que outras. Resumiria assim o meu ponto de vista: na organização psíquica do ser humano há elementos universais, particulares e singulares. Os universais – as pulsões, as angústias e as defesas – fazem parte do equipamento próprio da espécie. O que está no Id, para dizer as coisas sumariamente, é universal, vamos encontrar estes elementos em toda e qualquer cultura... Defesas: recalque existe em toda parte, pois sem ele não há civilização.



*os modelos identificatórios
variam de sociedade
para sociedade, mas o processo
de identificação não*

Todos temos, em alguma medida, angústias de morte, de perseguição, de invasão, de despedaçamento. Estudei isso a fundo, inclusive em trabalhos de analistas estrangeiros que escreveram sobre outras culturas. Lembro dois exemplos no artigo “Violinistas no Telhado: Clínica da Identidade Judaica”.

Um é do psicanalista Osamu Kitayama, que escreveu sobre a dificuldade de exercer nosso ofício no Japão, devido entre outras coisas ao respeito que os japoneses têm pela autoridade, pelo saber. No texto que comento, Kitayama descreve a experiência de ter sido formado na Inglaterra, numa linha winnicottiana, e de descobrir, ao voltar para o Japão, que seus pacientes não expressavam nada que pudesse ser lido como transferência negativa. Como alguém iria dizer ao “analista-san” que não concordava com ele? Impossível! Trata-se de uma questão cultural, ligada à vergonha, portanto ao superego, que exigia ser enfrentada de maneira diferente do que nas sociedades ocidentais.

PERCURSO Então, pulsão, defesa e angústia são, para você, universais?

RENATO Exatamente. O outro exemplo é um trabalho maravilhoso, *Édipo Africano*, um estudo sobre a prática psicanalítica e psiquiátrica no Senegal. Os autores – Marie-Cécile e Edmond Ortigues – se defrontaram com peculiaridades da cultura local, como a crença na feitiçaria, por exemplo, bastante relevantes para compreender os conflitos e problemas trazidos por quem vinha consultá-los no hospital de Dakar. Qualquer obstáculo no caminho de alguém, do contratempo banal à calamidade ou tragédia, é imediatamente considerado como fruto do mal que outra pessoa

deseja para ele ou ela. Vocês podem imaginar o peso que a angústia de perseguição tem nessa sociedade... Assim como as defesas de tipo projetivo mobilizadas contra ela. Se eu tusso, não é porque estou entrando numa gripe, ou porque bebi água rápido demais: só pode ser porque alguém – ser humano ou espírito – deseja que eu me engasgue.

PERCURSO Derrida fala que não existe álibi. Nessa cultura é muito diferente porque está tudo fora...

RENATO Está fora, exatamente, não se fala em culpabilidade. Os Ortigues também observaram as atitudes frente à analidade, que nessa sociedade não é tão reprimida quanto na nossa. As regras de higiene e a tolerância quanto à infração delas são diferentes nas várias culturas. Pois bem: entre as populações animistas do Senegal, ela é grande quando se trata de educar as crianças. Ninguém se abala muito quando elas fazem suas necessidades em lugares e de modos que chamaríamos de inadequados. No entanto, nessa cultura é imensa a quantidade de comportamentos obsessivos claramente caracterizados. Como fica então o vínculo que postulamos entre obsessões e analidade? Como elas são óbvias, e seria absurdo afirmar que no Senegal não existe erotismo anal, é preciso encontrar outra maneira de dar conta dos rituais compulsivos locais. A solução dos autores é afirmar que eles não têm tanto a ver com o recalque das fantasias anais e são mais úteis como defesas contra as ansiedades persecutórias. Em outras palavras: como é preciso estar muito atento a qualquer indício de um “trabalho” contra a minha pessoa ou contra meus entes queridos, essa atitude favorece comportamentos, atitudes e idéias que operam com as minúcias e exigem muita atenção para ser executados do jeito certo, ou não serão eficazes.

Há ainda aspectos peculiares no que diz respeito ao complexo fraterno – no caso, ligado à classe de idade da pessoa, que funciona como um objeto interno com diversas funções, e também no plano das identificações. Obviamente, os modelos identificatórios variam de sociedade para sociedade, mas o *processo de identificação* não. Aquilo

com o que alguém se identifica é histórica e culturalmente determinado pelo leque de opções disponível em cada sociedade, e, como seria de se esperar, quanto mais complexa uma sociedade, mais amplo será esse leque. Em São Paulo, por exemplo, há diferentes identificações possíveis no campo da religião. Isso não existe em tribos indígenas mais isoladas, nas quais todo mundo tem as mesmas crenças e pratica os mesmos rituais, geralmente coletivos.

Um exemplo ilustra isso de modo claro: o sujeito quer ficar forte e para isso precisa fazer exercícios físicos. Ora: uma coisa é fazê-los numa academia moderna, outra é ser um cavaleiro medieval e participar de torneios vestindo uma armadura, outra ainda é ser um caçador pré-histórico que usa flechas com ponta de pedra lascada para apanhar sua presa. As fibras do bíceps são as mesmas nos três casos, mas não os meios para fortalecê-las e nem o sentido dado a cada prática, porque dependem de fatores culturais: promover a saúde e eventualmente vencer uma competição esportiva, mostrar coragem diante da dama cortejada ou do adversário, procurar levar carne para a caverna e uma pele para se aquecer nas noites frias...

Então, o que se relaciona com o ego – identificações, processo secundário no pensamento, respeito pelo princípio de realidade – e com o superego (as normas e valores introjetados por meio da educação) tem claramente origem no plano coletivo (termo pelo qual estou entendendo os fatores históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais próprios a cada formação social e a cada época). Os conflitos identificatórios não são os mesmos para uma pessoa negra que vive hoje no Brasil nas condições que conhecemos, e para uma amazona no reino do Daomé em 1850. Isso é muito importante, porque serve para descartar a ideia, hoje infelizmente difundida, segundo a qual precisamos de uma nova metapsicologia porque a antiga já não dá conta das “novas subjetividades”.

PERCURSO Quais seriam os conceitos metapsicológicos comuns às diferentes escolas? O que seria o pilar da psicanálise?



*o que se relaciona
com o ego e com o superego
tem claramente origem
no plano coletivo*

RENATO Nestes centos e poucos anos de história da psicanálise, desenvolveu-se um conjunto de metapsicologias não exatamente concordantes. Temos os modelos metapsicológicos de Freud, que são o assunto de *O tronco e os ramos*. Mas há teorias do funcionamento psíquico que têm a ver com o tipo de paciente que nos procura. São as matrizes clínicas, que se somam às práticas existentes nos vários centros da Psicanálise para fazer surgir problemas específicos. Para estudar isso, um bom modelo é o das “revoluções científicas” proposto por Thomas Kuhn. Esse autor sugere que quando surge uma dificuldade séria em determinado campo científico – física, história, psicanálise, o que for – os pesquisadores procuram de início resolvê-la usando os instrumentos validados pelo paradigma ou paradigmas em vigor. Vemos isso bem claramente nos tempos heróicos da psicanálise, por exemplo quando Jung e Freud discutem sobre as psicoses. É um exemplo bom porque todos conhecem. Jung tenta tratar, com as teorias de então, os pacientes psicóticos do hospital de Zurique, e não funciona. Ele escreve a Freud: “veja bem, sua teoria não está dando os resultados esperados...” Freud responde: “não é isso. É você que não sabe usá-la, por exemplo quando se envolve demais com seus pacientes”.

O problema é que na verdade os dois têm razão. Aí são publicadas as *Memórias de um doente dos nervos*, de Paul Schreber, e Jung as envia a Freud: “o que você faz com isso?”. Freud percebe que a teoria da libido de 1905 não basta para compreender o que acontece com Schreber, mas não quer abandonar seus princípios essenciais. O que faz? Kuhn descreveria a saída encontrada por ele como uma solução de compromisso: o paradigma



*a partir de um certo momento,
as diferenças culturais e sociais fazem
com que o desenvolvimento psíquico
vá em uma ou em outra direção*

libidinal não é descartado, e sim adaptado em pontos importantes a fim de dar conta da dificuldade. E qual foi essa saída? A noção de narcisismo, ou seja, o investimento libidinal de si mesmo. Essa noção, que parece simples, na verdade vai levar a uma ampla reformulação da teoria, porque o “si mesmo” pode ser o próprio corpo, a própria pessoa (origem da idéia de sujeito, que será muito utilizada décadas depois), um momento na evolução da sexualidade (a etapa ou fase narcísica) e também um momento na evolução da subjetividade como um todo, para não falar numa nova classe de padecimentos (as patologias narcísicas) ou de defesas (as defesas narcísicas). E obviamente tudo isso vai gerar novas práticas clínicas, novos estilos.

Outro exemplo, agora de uma dificuldade resolvida sem mexer no paradigma então vigente: a ênfase de Melanie Klein na agressividade das crianças. Os pacientes que ela estuda na *Psicanálise da criança* apresentam graves sintomas obsessivos. É de se admirar que tivessem problemas com a imago da mãe, ou que, para lidar com a angústia de perseguição, desenvolvessem rituais compulsivos? E isso combina muito bem com a interpretação da pulsão de morte como fundamento da agressividade, uma das leituras possíveis das novidades de Freud nos anos 1920.

PERCURSO Também a educação inglesa...

RENATO Sim, a cultura conta. Quando vieram meus filhos, nós comprávamos aqueles livros da Tavistock, *Compreendendo seu filho de 2 anos, de 3 anos...* Até os quatro ou cinco anos foram muito úteis, porque as crianças têm basicamente as mesmas dificuldades na Inglaterra, entre os esquimós ou em São Paulo: crescer, aprender a

falar, relações com os irmãozinhos, ciúme, rivalidade etc. Porém a partir do momento em que entram no Fundamental I, aos seis ou sete anos, surgem diferenças importantes: as crianças da classe média brasileira vão para escolas particulares, costumam ter babás, e ambas as coisas são mais raras por lá. A imago materna, portanto, se deposita nas duas figuras (mãe e babá), gerando consequências diferentes em relação ao que ocorre quando não há essa divisão. Ou seja: a partir de um certo momento, as diferenças culturais e sociais fazem com que o desenvolvimento psíquico vá em uma ou em outra direção.

Então, existem conflitos que em parte se devem ao funcionamento psíquico da espécie homo sapiens, à qual todos nós pertencemos. Há elementos universalizáveis, mas que ao ser acionados utilizam o que está disponível no lugar onde vive a pessoa. Algumas diferenças são bem pitorescas, e vale a pena lembrar uma ou outra.

Um colega argentino, Luis Hornstein, esteve no Sedes há alguns anos e contou algumas experiências que teve na Venezuela, onde parte da diáspora psicanalítica argentina encontrou refúgio na época da ditadura. Hornstein se instalou em Caracas e começou a atender pacientes. De repente, uma senhora cuja análise estava indo bem falta a várias sessões seguidas. Hornstein deixa passar alguns dias, e, por fim, se decide a ligar para ela. A paciente diz que tivera alguns problemas, mas que iria à sessão seguinte.

De fato aparece no consultório, se deita e conta que havia sonhado com o analista, o que muito a perturbou. Era um sonho de transferência: Hornstein era o leiteiro e viera entregar leite na casa dela. Hornstein pergunta o que a havia incomodado tanto. Ela diz que não tinha tido coragem de contar o sonho nem para ele, analista, nem para o marido. Mas esse senhor percebe que a esposa está muito perturbada, pergunta por quê, e ela narra o sonho. O homem pensa um pouco e indaga: “quando o doutor veio entregar o leite, deixou na porta da frente ou nos fundos?”, “Na porta dos fundos”. “Ah, ainda bem. Então você pode voltar ao tratamento, sem problemas”. Qual

era a diferença entre deixar o leite na porta da frente ou na dos fundos? Só podemos fazer conjecturas. Uma delas seria que o leiteiro/doutor “sabia o seu lugar”, obviamente subalterno em relação aos moradores da casa, e por isso deixava o leite na porta dos fundos. Outra, que me parece mais interessante, seria que o leite tinha algo a ver com o sêmen, que a porta da frente da casa representava a vagina, e “deixar o leite na porta de trás” poderia aludir a uma relação anal. Obviamente, uma interpretação desse tipo não seria comunicada à paciente, ao menos não naquele momento ainda inicial do trabalho. Seja como for, depois da conversa com o marido a tal senhora se sentiu autorizada a retomar sua análise.

Por que lembrei dessa história? Porque sonhos de transferência acontecem em qualquer lugar. A analogia do leite com o sêmen, ou o temor frente a revelações escandalosas irrompendo do inconsciente, poderiam ter surgido em Buenos Aires ou na Austrália. São elementos “universais” no sentido que estou sugerindo. Mas tomaram uma feição particular no caso dessa paciente, que tinha a ver com a sua vida emocional, com a sua biografia, com a relação com o marido – elementos particulares, ou talvez singulares.

PERCURSO Você considera que a questão dos transgêneros põe em xeque o complexo de Édipo?
RENATO Não, de jeito nenhum. Haverá especificidades nesse tipo de conflito edipiano, no qual a questão da sexualidade se situa no âmago da identidade pessoal. Não é sempre que é assim. Sobre esse tema dos gêneros gostaria de sugerir uma visão pessoal. Entendo que há uma única sexualidade humana que tem um lado corporal, biológico, e um lado mental, as fantasias, emoções etc. Sexualidade é uma só, com essas duas faces. E temos dois sexos biológicos: excetuando casos muito raros de hermafroditismo, ou você nasce com útero, ovário e glândulas para produzir leite, ou nasce com pênis, próstata e testículos. O sexo anatômico da criança vai ser a base da sua designação de gênero, e uma grande proporção de humanos se identifica com a designação que



os gêneros, ao contrário do que foi durante muito tempo, estão se tornando atualmente um assunto de escolha, dentro de determinados limites

recebeu na primeira infância. Dito de outro modo, a autoimagem, e também as fantasias, desejos e receios relacionados com o sexo oposto, acompanham – nas organizações neuróticas – o sexo biológico, inclusive nas tipicamente masculinas (por exemplo a da vagina dentada) e femininas (angústia de penetração).

O que é relativamente independente da biologia - e isso é uma aquisição nova para a psicanálise – são os gêneros. Desses temos muitos, os LGBTQIA+, que são determinados culturalmente. O gênero do bebê é evidenciado na maneira como será chamado, se “ele” ou “ela”, como será vestido, que brinquedos lhe serão oferecidos. Em línguas como o português, nas quais os adjetivos têm gênero, a pessoa vai falar de si mesma no masculino ou no feminino, e será referida por outras desta ou daquela maneira, segundo a sua aparência física. De início, portanto, a criança se identifica com o gênero que lhe é atribuído pelo ambiente familiar. Mais adiante, existe a possibilidade de escolha, de mudanças num sentido e no outro. Hoje em dia temos as cirurgias e acompanhamento psicológico das pessoas que escolhem mudar. Então, os gêneros, ao contrário do que foi durante muito tempo, estão se tornando atualmente um assunto de escolha, dentro de determinados limites.

PERCURSO Escolha ou orientação?

RENATO Provavelmente, as duas coisas. Um livro muito bom sobre isso é o da Cassandra Pereira França, *Nem sapo, nem princesa*, que temos estudado com frequência na PUC. Nem os biólogos aceitam mais a ideia de que a orientação sexual dependa exclusivamente da genética. O que



as pessoas que se sentem como pertencendo a um gênero que não é compatível com o seu sexo biológico se deparam com o problema de decidir o que fazer a respeito

temos são redes de significação, de sinapses, de lembranças, de inclinações, que influem nessa ou naquela direção. Acho difícil que algum dia se consiga discriminar o que é puramente biológico do que é cultural, porque quando se poderia fazer esse estudo as duas dimensões já estão inextricavelmente misturadas, para não dizer coaguladas. Talvez um dia se invente alguma forma de realizar essa investigação, mas por enquanto isso não parece se situar num futuro próximo.

Levando em consideração o desejo dos pais, a influência cultural, a aceitação coletiva das escolhas de gênero, as pessoas – geralmente adolescentes – que se sentem como pertencendo a um gênero que não é compatível com o seu sexo biológico se deparam com o problema de decidir o que fazer a respeito. Problema muito difícil: “em *que* eu posso me reconhecer?”. Tudo indica que em certa medida a resposta depende de onde se está, socialmente e/ou geograficamente. Em áreas nas quais é frequente uma visão mais livre da sexualidade, a existência de pessoas homossexuais, ou mesmo transexuais, é aceita com mais naturalidade. Já em regiões mais conservadoras, ou entre pessoas mais rigorosas em termos de religião, quem pretende aceder a um gênero diferente daquele com que sempre foi designado pode encontrar obstáculos bem mais sérios. Tipicamente no meio neopentecostal, mas também entre muçulmanos fundamentalistas, em ditaduras reacionárias de direita ou de esquerda ou com judeus ortodoxos. Há um ótimo filme israelense que discute essa questão: *O pecado da carne*. Trata-se de um rapaz ortodoxo que vai trabalhar num açougue, e se apaixona pelo filho do proprietário. Começam a ter um relacionamento

homossexual – e vocês podem imaginar o conflito por que passam, porque na tradição religiosa isso é uma abominação punível com a morte. O que não impede que nessas comunidades haja uma certa porcentagem de homens e mulheres que têm essa orientação. Como elas se arranjam para vivê-la, já é uma outra história.

PERCURSO Sempre existiu.

RENATO Claro. Para a psicanálise, acredito que o importante é discutir essas questões à medida que essas pessoas forem atendidas na clínica, saber o que acontece nessas análises, a partir dos fatos. Um exemplo interessante vem de uma tese que orientei na PUC, a da Eliane Chermann Kogut sobre os *crossdressers*. Numa viagem, ela ficou sabendo da existência dessa variante sexual, e resolveu estudá-la. Qual seria a economia psíquica do desejo de um homem de se fazer passar por mulher a ponto de conseguir enganar uma mulher? E isso sem ter nenhum interesse em práticas sexuais homoeróticas, ativas ou passivas. Se apresentou como psicanalista em salas de bate-papo na internet, foi ganhando a confiança dos participantes, e passou a frequentar algumas reuniões. Um momento curioso foi quando um deles marcou de encontrá-la num restaurante. Ela chega, procura um homem, mas quem faz sinal é uma mulher, acompanhada por outra e por uma moça mais nova. Era o próprio indivíduo, “montado”, na gíria deles, ou seja, com roupas femininas, acompanhado pela esposa e pela filha. Ou seja, ambas sabiam dos gostos dele, e visivelmente não se incomodavam.

Tempos depois, Eliane começou a atender pessoas destes grupos em análise. Para alguns, ser *crossdresser* era um assunto central na sua vida; para outros, não. Um dos pacientes vivia uma espécie de ciclo: de tempos em tempos, jogava fora todos os adereços e roupas, porque achava aquilo tudo uma aberração: “como é que eu posso querer isso?!” Mas depois de um tempo de “abstinência” voltava ao grupo e comprava tudo de novo. Alguns se submetiam a procedimentos variados para não ter pelos, para os seios crescerem etc. Outros recorriam a

viagens para cidades onde não fossem conhecidos. A partir de todos estes relatos, e de alguns artigos que tratavam do tema, ela acabou concluindo que o desejo que alimentava esse funcionamento era de tipo narcísico: a sensação de vitória no desafio de iludir uma mulher sobre o seu gênero, ver sua “montagem” validada por uma pessoa efetivamente do sexo feminino. Um pouco à moda dos versos célebres de Fernando Pessoa: “o poeta é um fingidor/ finge tão completamente/ que chega a fingir que é dor/ a dor que deveras sente”.

Foi uma pesquisa que revelou muitos fatos dignos de nota. Um deles, para finalizar: num seminário, a Eliane mencionou o que para um paciente era a quintessência da feminilidade, aquilo que realmente era algo de que ele jamais poderia ter uma experiência pessoal: a sensação do cabelo comprido roçando na nuca, algo que imaginava como indizivelmente prazeroso. Essa era a fantasia dele sobre o que é ser mulher, sobre os “privilégios” reservados à metade feminina da espécie humana.

PERCURSO É muito sensorial.

RENATO Sim. Era também um reconhecimento da castração, porque ainda que ele deixasse crescer o cabelo, nunca poderia ter a tal sensação. Ou seja, havia um limite intransponível, ligado à sua natureza de homem, e à sua preferência heterossexual, apesar de todo o empenho que colocava em se “montar” da melhor forma possível.

PERCURSO Como você pensa os fatores desencadeantes dos momentos da cultura em que o ódio e a crueldade se espalham no tecido social, provocando a polarização e os embates mais violentos, geralmente pondo em xeque a liberdade de expressão através de movimentos autoritários? No atual momento da cultura, você ainda pensa da mesma forma em relação a liberdade irrestrita de expressão, como disse no Café Filosófico em 2018?

RENATO Essa é uma opinião que sempre defendi. Sempre fui a favor da liberdade irrestrita, e achava que seria controlável pelos procedimentos penais usuais. Mas depois do que aconteceu nos últimos



*uma dessas falhas,
no nosso caso, é a colossal
ineficiência do Estado
brasileiro em praticamente
tudo o que se dispõe a fazer*

anos no Brasil, mudei de opinião. Não posso ir lá para retificar, porém é preciso reconhecer que sobre certas coisas uma pessoa pode evoluir. Todos pudemos ver a barbárie se instalando sorrateiramente, e mesmo abertamente – o escândalo das vacinas, o terraplanismo, a desfaçatez das mentiras propagadas como se os brasileiros fôssemos todos idiotas. E foi por pouco que escapamos do que viria se Você Sabe Quem fosse reeleito. A única maneira de nos defendermos de ataques deste tipo é, de fato, estabelecer limites ao que pode ser dito – e os que vêm sendo adotados me parecem razoáveis: não tolerar nada que possa efetivamente incitar a violência contra quem é ou pensa diferente da pessoa que está falando. Obviamente sou a favor de penalidades severas para quem for além da fala, e passar à ação criminosa.

Penso que os fatores desencadeantes do ódio têm a ver com razões mais complexas do que posso dizer assim numa resposta rápida. Contudo, várias têm a ver com falhas monumentais na forma como o Estado atua (ou não atua) no Brasil. Não sei muito sobre o que se passa em países em que a extrema direita está mais firmemente no poder, como a Hungria, a Polônia, a Turquia e outros. Imagino que haja gente estudando isso mais de perto, assim como nós no nosso país. Uma dessas falhas, no nosso caso, é a colossal ineficiência do Estado brasileiro em praticamente tudo o que se dispõe a fazer. Algumas coisas se salvam, mesmo que com grandes dificuldades – uma delas é o SUS, como vimos no caso da pandemia – mas de modo geral o panorama é vergonhoso, desolador.

Em parte, isso é resultado da forma como se fez a colonização, concedendo privilégios aos



acho inconcebível que se possa por em liberdade alguém que matou seus pais, ou que jogou uma criança pela janela, ou que arrastou pelas ruas um menino preso à porta do carro que havia roubado

donatários das capitanias hereditárias. A idéia de que isso é legítimo e natural se consolidou na nossa mentalidade. Como diz Orwell, na *Revolução dos Bichos*: todo mundo é igual, mas alguns são mais iguais do que os outros. São grupos de interesse abocanhando porções cada vez maiores das verbas públicas em benefício próprio e de maneira a cada ano mais descarada. Todos sabemos das regalias que o Judiciário, o Legislativo e as altas esferas do Executivo outorgam a si mesmos ou uns aos outros. Conflitos de interesse? Conceito ignorado, ou considerado como tolice de gente burramente honesta. O fato é que temos uma visão do funcionamento do país culturalmente muito negativa: qualquer medida que venha do Estado é tida por péssima, a menos que seja uma vantagem para mim e para minha turma. Talvez isso tenha sido agravado pelos efeitos que a ditadura deixou em nossa psique coletiva. Basta haver alguma decisão, sobre tudo e qualquer coisa, e imediatamente se levantam os escudos. A ideia é que a *res publica* – a coisa pública – é algo a ser apropriado por quem gritar mais alto, de preferência com o apoio de “especialistas” no assunto em questão.

Voltando à questão da liberdade de expressão: diante da ameaça fascista muito concreta, da propagação sem peias das *fake news*, reformulei minha opinião, e passei a admitir que nem tudo pode ser permitido. A questão é discutir quais limites, em que casos, quem julgará situações específicas... Sem arranhar os direitos fundamentais, entre os quais o de defesa.

PERCURSO Como você pensa o neoliberalismo nessa equação?

RENATO Não creio que se trate apenas de neoliberalismo: há uma dimensão cultural no sentido forte do termo mesmo. Vale citar um exemplo de um dos países campeões do neoliberalismo. Alguns anos atrás, eu estava na Inglaterra quando ocorreu um escândalo maiúsculo, do qual se falava no rádio, na tv e nos jornais. Qual era o escândalo? Lá cada deputado representa um distrito, e um deles, que era ministro do Turismo, tinha utilizado uma verba do ministério para construir um teleférico na estação de esqui da sua cidade, passando por cima das prioridades estabelecidas para aquele ano. Essa estripulia foi descoberta, e causou um vexame monumental. Obviamente, o deputado se demitiu não só do ministério mas também do Parlamento: saiu sob vaias, não se apresentou para a eleição convocada para preencher a sua cadeira, e está liquidado politicamente.

Não precisamos discorrer sobre o que aconteceria se o fato se passasse no Brasil, certo? Isso para não falar dos absurdos do nosso sistema penal, que garante a impunidade de tantos, ou penas ridiculamente leves para criminosos que deveriam passar o resto da vida na cadeia. Vão dizer que sou punitivista, mas acho inconcebível que se possa por em liberdade alguém que matou seus pais, ou que jogou uma criança pela janela, ou que arrastou pelas ruas um menino preso à porta do carro que havia roubado, ou policiais que atiram primeiro e perguntam depois, matando civis inocentes. Uma vez escrevi um artigo na *Folha* sobre uma declaração do juiz Celso de Mello, que era o decano do STF na ocasião, em que ele dizia que a legislação brasileira incentiva o crime. As pessoas têm a experiência real de um país que não é feito para elas. Como podemos querer que manifestem adesão a princípios democráticos, iluministas, liberais, de liberdade individual? *Primeiro o meu*: é a luta de todos contra todos. Temos uma apropriação do espaço público cada vez maior, e de maneira muito difícil de combater, porque são as próprias raposas que fazem as regras do galinheiro. São muitas as coisas no funcionamento do país que têm consequências psíquicas para as pessoas, que vão contra qualquer ética

universalizável. É um grave problema da nossa sociedade, e nós psicanalistas temos que dizer alguma coisa sobre isso a partir da nossa experiência, não apenas na qualidade de cidadãos, mas também como psicanalistas. Ou seja, procurando entender, na medida do possível, o que há nessas situações de inconsciente, de sádico, de supergo arcaico e cruel, e pensar medidas educativas

que possam diminuir a violência que permeia a nossa sociedade. Para que aconteçam mais coisas boas, que permitam às nossas crianças terem mais oportunidade de se desenvolver intelectual e emocionalmente. Quantos Mozarts, Niemeyers, Beethovens e Picassos já não foram massacrados nesse país? Um desperdício colossal! Mas disso talvez possamos falar numa outra ocasião.

